



Prof. Dr. Luiz Augusto Campos

Biografia:

Luiz Augusto Campos é professor de Sociologia e Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), e doutor pela mesma instituição. Coordena o Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA) e o Observatório das Ciências Sociais (OCS). Foi pesquisador visitante na *New York University* (2021-2022) e na *SciencesPo* de Paris (2014). É autor de “Em Busca do Público: a controvérsia das cotas na Imprensa” (EdUERJ) e co-autor de “Raça e Eleições no Brasil” e “Ação Afirmativa: conceito, história e debates” (EdUERJ). É também editor-chefe da revista DADOS¹ e representante da coleção de Humanidades no Conselho Consultivo da plataforma SciELO. Trabalha com pesquisas sobre as interfaces entre raça e política, bem como estudos de cienciometria.

Entrevistadora:

Profa. Dra. Raquel O. Moreira

Historiadora (UnB) e Pedagoga (UCB-DF), com Doutorado em Ciência Política/Políticas Públicas (UFF). É especialista em Administração de Marketing (ESPM-Rio) e Gerenciamento de Projetos-PMI (FGV-Rio) e qualificação em Gestão Cultural (ENAP). Editora da Revista Com Censo (SEEDF).

Contato: raquel.moreira@edu.se.df.gov.br

O que faz um periódico científico ser longoévoo? Perspectivas para se pensar o presente e o futuro

Publicado em: RCC #36 · v. 11 · n. 1 · março 2024

Nota contextual: Como parte das celebrações dos 10 anos da *Revista Com Censo* (RCC), em 2024 e, para inspirar a pensar o seu futuro, o entrevistado da presente edição compartilha reflexões relevantes sobre a longevidade e perenidade dos periódicos científicos e seu papel na qualificação do trabalho de pesquisa, na difusão do conhecimento e na popularização da ciência. Nesta entrevista, ele traz um testemunho rico de sua experiência como editor à frente da revista DADOS, uma das principais e mais longevas revistas nas Ciências Sociais no Brasil, criada em 1966. Seu testemunho pode nos inspirar a pensar os anos vindouros da RCC.

1. O que faz um periódico científico ser longoévoo? Você poderia citar alguns fatores determinantes para manter o nível de qualidade de uma revista? No caso da revista em que você é gestor, foi um processo orgânico ou planejado?

Luiz Augusto Campos: Infelizmente, periódicos fecham todos os dias no mundo e, especialmente, no Brasil. É possível contar nos dedos das mãos os periódicos brasileiros com mais de 50 anos e não são muitos também os que completam uma década como a RCC. As razões são várias, mas a principal delas é a falta de investimentos. O Brasil criou um sistema editorial paradoxal: ao mesmo tempo em que o artigo se tornou o principal meio de comunicação acadêmica – servindo inclusive de métrica para avaliar programas de pós-graduação e a ciência como um todo – os periódicos têm cada vez menos investimento público. Logo, incentivamos e até mesmo forçamos pesquisadores e pesquisadoras a publicar artigos, mas não garantimos as condições mínimas de sobrevivência dos periódicos. A longevidade das revistas acadêmicas, portanto, depende sobretudo de fontes estáveis de financiamento. Além disso, é preciso ter um planejamento estratégico de execução dos recursos e de seu funcionamento interno, com especial ênfase a sua missão, linha editorial etc. Já a qualidade de um periódico é reflexo direto da qualidade do que ele publica e do seu alinhamento com as práticas editoriais mais adequadas a sua missão. Existem periódicos, por exemplo, que buscam

publicar pesquisas de ponta, outros, focam nas pesquisas mais ousadas e experimentais. Em cada um desses casos, é preciso pensar em regras editoriais capazes de concretizar cada um desses objetivos. Eu assumi a editoria-chefe da revista *DADOS* em 2018 num momento de crise. De um lado, a revista havia completado cinco décadas de atividade dois anos antes, em 2016, o que a consolidava como um dos periódicos mais antigos e renomados das ciências sociais na América Latina. Por outro lado, entre 2017 e 2018, a revista viveu uma crise sem precedentes em sua história. O governo do estado do Rio de Janeiro havia suspendido os repasses para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e para o Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da universidade, onde estamos sediados. Como resultado, toda a equipe começou a ter longos atrasos de salário, inclusive eu. Perdemos quase toda a nossa equipe, acumulamos uma grande dívida com diversos prestadores de serviço, atrasamos a publicação de artigos e acumulamos mais de 600 manuscritos parados à espera de avaliação. Foi nesse contexto que eu assumi a chefia da editoria. Nossa primeira medida foi garantir uma fonte fixa e estável de recursos financeiros junto ao IESP-UERJ. O instituto se comprometeu a verter mais da metade da renda de um curso de especialização pago, criado especialmente para manter a revista. Isso nos permitiu recompor a equipe e, aos poucos, sanar as dívidas. O atraso da publicação foi aos poucos solucionado com um mutirão de avaliação científica que contou com a participação de inúmeros colegas e parceiros da revista. Em menos de dois anos, havíamos recuperado o passivo gerado pelo período de crise e estamos hoje a caminho da nossa sexta década em atividade e com o fluxo completamente regularizado. Aumentamos o número de artigos publicados em cada ano, adiantamos os fascículos em um ano, aderimos ao programa da ciência aberta e implementamos uma política de divulgação científica e de diversificação das nossas publicações.²

2. Houve algum momento de virada de chave de *DADOS* em que os rumos foram ajustados às demandas e desafios postos? De que forma isso foi identificado e quais fatores contribuíram para sua superação? Cite alguns marcos temporais dos atributos atuais da revista?

Luiz Augusto Campos: A revista *DADOS* teve várias fases e momentos de virada durante sua história. Em um texto publicado por Charles Pessanha,³ que foi nosso editor-chefe mais longo (1976-2011), ele destaca quatro fases. Na sua primeira década, a revista se propunha a uma periodicidade semestral, porém muito irregular, tendo publicado treze números em dez anos. Ademais, a revista publicava artigos em grande medida dos pesquisadores do Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro (IUPERJ), antecessor do IESP-UERJ. Entre 1976

e 1986, *DADOS* ganhou regularidade e se tornou uma revista quadrimestral. No mesmo período, ela se abriu à comunidade acadêmica, passando a publicar textos mormente de fora do IUPERJ. Houve também a adoção do sistema de avaliação duplo-cega por pares dos manuscritos, tudo em consonância com as práticas mais modernas da editoria acadêmica. Entre 1996 e 2006, o periódico passa por uma nova revolução: o acesso aberto. Parte do grupo de revistas que fundou a *Scientific Electronic Library Brazil* (SciELO.br), *DADOS* passou a publicar seus artigos virtualmente de modo totalmente aberto, reduzindo aos poucos as assinaturas e compensando sua manutenção com recursos públicos.

Desde 2018, a revista iniciou uma nova fase: a da ciência aberta. Durante quase todo o século XX, o fazer científico se baseou em regras herméticas. A imagem tradicional da ciência é a de um pesquisador, fechado em seu laboratório, produzindo dados que ficam eternamente sob seu controle e avaliando artigos de modo anônimo e secreto. Com o advento da internet, contudo, esse modelo se tornou não somente insustentável como indesejável. O novo milênio então começa inaugurando um movimento pela abertura da avaliação, dos dados e da produção científica: o chamado programa da ciência aberta. Em *DADOS*, ele envolve a incorporação paulatina de procedimentos em cinco frentes distintas.

A primeira é a aceitação de manuscritos previamente disponibilizados em repositórios virtuais, os chamados servidores de *preprints*. Se no sistema de ciência fechada os manuscritos submetidos à revista deveriam ser inéditos, na ciência aberta eles devem ser publicizados previamente nesses servidores, podendo ser lidos, avaliados, comentados etc. por qualquer interessado. Antes restritos ao jargão acadêmico, os *preprints* se tornaram mais conhecidos na pandemia da covid-19. Milhares de *papers* sobre a doença foram disponibilizadas nesses servidores antes mesmo de avaliados pelas revistas, o que agilizou a circulação de conhecimento e acelerou a descoberta de vacinas e outras soluções para a pandemia. Desde 2018, *DADOS* aceita a submissão de manuscritos oriundos de *preprints*.⁴

A segunda novidade é a política de dados abertos. Fazendo jus ao seu próprio nome, a revista passou a incentivar a publicação dos repositórios de todos os dados usados nas análises contidas nos artigos que publicamos. Esses dados passam por uma editoria de replicação, que testa o quanto eles são transparentes e acessíveis. Isso não apenas permite que os dados produzidos por uma pesquisa se tornem de conhecimento público, podendo ser usados em outras pesquisas, mas também a validação das análises contidas no artigo original. Para abrigar as discussões sobre essas bases de *DADOS*, abrimos a possibilidade de submissão de Notas Técnicas, textos mais breves comentando bases de dados originais ou rotinas de análise inovadoras.⁵

A terceira inovação é o sistema de avaliação aberta. Embora ainda trabalhemos majoritariamente com o sistema duplo-cego, estamos experimentando outros modos de avaliação. Os pareceres recebidos por um artigo são hoje compartilhados não apenas com seus autores, mas também com os demais pareceristas, permitindo a ampliação do debate acadêmico. Pareceristas que enviam avaliações consideradas de alta qualidade são convidados a submeter à revista comentários críticos aos textos aceitos. Os autores dos textos criticados, por seu turno, podem publicar trélicas, sempre respeitando a polidez e a etiqueta acadêmica.

A quarta novidade é a política de divulgação científica. Além da abertura de um *blog* para discutir questões mais candentes do debate público e do nosso modelo editorial, todos os artigos são divulgados sistematicamente em nossas redes sociais. Isso veio acompanhado não apenas de um aumento dos nossos seguidores, mas também de repercussões de nossos artigos na mídia tradicional. Além de vídeos, orientações e minicursos, também abrimos um *podcast* com conversas mais informais com nossos autores.⁶

A quinta mudança editorial é a incorporação de medidas para a promoção da diversidade em todas as fases do nosso processo editorial. Entendemos que o programa da ciência aberta não passa somente pela abertura da ciência na direção da sociedade, mas também de uma abertura da ciência à sociedade. Isso passa pela promoção de grupos historicamente alijados e objetificados pela ciência tradicional, como mulheres, negros, negras etc. Isso envolve a diversificação dos nossos conselhos editoriais, dos convites a avaliadores etc. A diversificação da autoria dos manuscritos também é considerada em casos de pareceres conflitantes. Nesses casos, autoria diversa leva a decisões positivas caso haja discordância entre pareceres.

3. A autonomia é um valor essencial ao trabalho de qualidade de um periódico científico. De que forma esse valor tem impacto na longevidade e fortalecimento de uma revista, assim como na divulgação científica e popularização da ciência?

Luiz Augusto Campos: No Brasil, os periódicos acadêmicos costumam ser mantidos e geridos por instituições de ensino, pesquisa ou extensão. Contudo, eles não restringem suas publicações aos membros dessas instituições. Em resumo, as instituições que patrocinam uma revista podem pronunciar sua missão ou linha editorial, mas não seu funcionamento. Isso torna a autonomia editorial um valor central para a qualidade e longevidade dos periódicos. É igualmente importante, contudo, que os periódicos não se isolem de suas instituições a ponto de

não serem percebidos como atrelados aos seus objetivos. O desafio, então, é manter esse equilíbrio entre autonomia e conexão dos periódicos com suas instituições. Isso depende de regras e limites de atuação bem desenhados.

4. Como você enxerga o papel dos periódicos científicos originados e destinados à educação básica, a exemplo da Revista Com Censo? Quais caminhos podem ser vislumbrados mirando sua manutenção e crescimento?

Luiz Augusto Campos: Uma das premissas implícitas ao Programa Ciência Aberta é a ideia de que as fronteiras entre ciência e sociedade são bem mais porosas e complexas do que imaginamos. Isso pressupõe não apenas uma relação de mão dupla entre ciência e sociedade, assim como uma diferenciação mais gradual entre essas duas esferas. Nesse sentido, as revistas focadas na educação básica são espaços importantes não apenas para abrigar reflexões produzidas na pós-graduação, mas também para divulgar as reflexões dos próprios agentes da educação básica como professores e demais atores envolvidos nesse processo.

5. A Revista Com Censo se situa hoje numa escola de formação continuada (EAFE/SEEDF) cuja missão está no aperfeiçoamento dos professores da educação básica sobre suas práticas pedagógicas. Em função disso, a RCC atua no que chamamos de ciclo virtuoso entre formação-pesquisa-publicação, um tripé cujo foco está em propiciar ao professor atualização de seu fazer em sala de aula, mas, sobretudo, estímulo à cultura da pesquisa como princípio educativo (Demo, 2011). Junta-se a isso, a criação da RCC Jovem que corrobora com esta visão de promover o letramento científico e o protagonismo de jovens estudantes da educação básica. Como você enxerga esta atuação da RCC e as interfaces entre a educação básica e a superior na preparação dos futuros pesquisadores tanto nas Ciências Sociais quanto em outras áreas de conhecimento, quando se fala em produção de conhecimento e publicações científicas?

Luiz Augusto Campos: Parte do Programa da Ciência Aberta envolve a diminuição da distância entre a ciência e as pessoas diretamente impactadas pelo conhecimento produzido por ela. Isso não implica destruir completamente as definições de ciência, mas permitir um maior trânsito de conhecimentos a partir dela. Nesse sentido, é bem-vinda a prática da RCC, que não apenas comunica o conhecimento acadêmico para seus pares, mas também divulga-o para além dos muros da academia e, mais ainda: permite a publicação de professores e alunos em suas páginas e fascículos. ■

Notas

- ¹ A revista *DADOS* é uma das principais e mais longevas publicações nas ciências sociais no Brasil. Cria-da em 1966, divulga trabalhos inéditos e inovadores, oriundos de pesquisa acadêmica, de autores brasileiros e estrangeiros. Editada pelo IESP-UERJ, é seu objetivo conciliar o rigor científico e a excelência acadêmica com ênfase no debate público a partir da análise de questões substantivas da sociedade e da política.
- ² Mais detalhes em Luiz Augusto Campos e Marcia Rangel Candido. “Transparência em DADOS: sub-missões, oareceristas e diversidade no fluxo editorial dos últimos Anos”. *Dados*, v. 65, n. 1, e20220000, 2022. (<https://doi.org/10.1590/dados.2022.65.1.000>).
- ³ Pessanha, Charles. 50 Anos de DADOS. *Revista de Ciências Sociais: uma introdução à coleção Dados*, v. 60, n. 3, p. 605-622, 2017 (<https://doi.org/10.1590/001152582017130>).
- ⁴ Mais detalhes sobre o tema dos *preprints* em Campos, Luiz Augusto. *O que são preprints?*, Blog DA-DOS, 2021. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/o-que-sao-preprints/>.
- ⁵ Mais detalhes sobre replicabilidade em Schaefer, Bruno; Campos, Luiz Augusto; Candido, Marcia Rangel. *Revista DADOS cria editoria especializada em replicabilidade*. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2023/10/20/revista-dados-cria-editoria-especializada-em-replicabilidade/>.
- ⁶ Nosso *podcast* pode ser acessado em <https://open.spotify.com/show/1aYKtHEaDiwtbTou88NyHv?si=8568cad29c3d444e>